ISSN: 2358-8829

ANÁLISE DA SINONÍMIA DOS PARES DE PALAVRAS BEBER/TOMAR, DESCULPAR/PERDOAR E REJEITAR/NEGAR NOS DICIONÁRIOS CALDAS AULETE, BLUTEAU E MORAES SILVA

Mirele de Macedo Castro [1]

INTRODUÇÃO

O estudo dos fenômenos semânticos no âmbito da Lexicografia reveste-se de relevância fundamental para a compreensão de como o significado é estruturado e categorizado nas obras dicionarísticas ao longo da história da Língua Portuguesa. No cerne dessas discussões encontra-se o fenômeno da sinonímia, frequentemente compreendido de forma simplificada no senso comum como a equivalência exata de sentido entre duas ou mais palavras.

No entanto, à luz dos pressupostos da Semântica Linguística, advoga-se o princípio da economia linguística, o qual atesta a inexistência de sinônimos perfeitos ou absolutos, visto que não existem vocábulos sobressalentes ou desprovidos de função singular no sistema da língua. Nesse viés teórico, o termo cientificamente mais preciso para denominar esses itens lexicais é quase-sinônimos (Assad, 2004), reservando-se a relação sinonímica às instâncias em que o contexto discursivo favorece a superposição de traços semânticos comuns.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar comparativamente a relação de sinonímia entre pares e trios de verbos e substantivos selecionados, a saber: *doar* (*dar*, *ceder*), *falar* (*dizer*, *pronunciar*), *denegrir* (*difamar*, *desonrar*), *escutar* (*ouvir*) e *cirurgia* (*operação*), sinalizando as nuances e assimetrias semânticas que distinguem cada termo. Para viabilizar esse mapeamento, adota-se como baliza analítica o esquema distintivo proposto por W. E. Collinson e Macaulay (In: Ullmann, 1964), articulado às noções de hierarquia lexical (hiperonímia e hiponímia) e de campo semântico delineadas por Lyons (1979).

[1] Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, Professora nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, mirelecastrom@gmail.com;

A justificativa deste trabalho assenta na necessidade de evidenciar de que modo a tradição dicionarística da Língua Portuguesa tratou a sinonímia em diferentes momentos históricos, identificando eventuais lacunas, inconsistências ou avanços na descrição dos verbetes. O corpus documental abrange três obras lexicográficas referenciais: o Vocabulario portuguez e latino de Raphael Bluteau (1712), o Dicionário da língua portuguesa de Antonio Moraes Silva (1789) e o Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa de Caldas Aulete (2011).

Com isso, busca-se responder às seguintes questões de pesquisa:

1. De que modo o dicionário faz referência à sinonímia?

2. As palavras escolhidas atendem ao esquema proposto por Collinson e Macaulay?

3. As palavras atendem ao critério da relação entre hiperônimos, hipônimos e sinônimos proposto por Lyons?

4. Existem lacunas no tratamento dicionarístico dado às palavras sinônimas?

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para o desenvolvimento desta pesquisa de natureza qualitativa, descritiva e bibliográfico-documental, foram percorridas etapas metodológicas estruturadas. Inicialmente, procedeu-se à delimitação do corpus lexical, composto por cinco agrupamentos semânticos constituídos por verbos e substantivos de uso frequente em Língua Portuguesa:

- **Grupo 1:** *doar*, *dar* e *ceder*
- **Grupo 2:** *falar*, *dizer* e *pronunciar*
- **Grupo 3:** *denegrir*, *difamar* e *desonrar*
- **Grupo 4:** *escutar* e *ouvir*
- **Grupo 5:** *cirurgia* e *operação*

Em seguida, realizou-se a coleta e análise dos verbetes correspondentes nos três repertórios lexicográficos selecionados, os quais representam marcos da lexicografia em língua portuguesa: o dicionário histórico e bilingue de Raphael Bluteau (1712-1728), a obra Iluminista de Antonio Moraes Silva (1789/1813) e o dicionário contemporâneo de Caldas Aulete (2011), recorrendo-se suplementarmente à sua versão digital atualizada (Editora Lexikon) nos casos de lacunas no acervo impresso.

O instrumento de análise teórica embasou-se no modelo distintivo de W. E. Collinson e Macaulay (*apud* Ullmann, 1964), o qual estabelece nove critérios para a diferenciação entre quase-sinônimos, dentre os quais destacam-se nesta investigação:

- **Critério 1:** Um termo é mais geral que outro;
- **Critério 2:** Um termo é mais intenso que outro;
- **Critério 3:** Um termo é mais emotivo que outro;
- **Critério 4:** Um termo implica aprovação ou censura moral;
- **Critério 5:** Um termo é mais profissional/técnico que outro;
- **Critério 6:** Um termo é mais literário ou expressivo que outro.

Adicionalmente, aplicou-se o modelo de análise componencial e de inclusão lexical (hiperonímia e hiponímia) proposto por Lyons (1979) e discutido por Assad (2004), avaliando-se a presença ou ausência de contextos de abonação e traços semânticos nos verbetes dos dicionários consultados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre o significado lexical na ciência da linguagem pressupõe a compreensão de que a língua é um sistema dinâmico pautado pelo princípio da economia. Conforme salienta Assad (2004), a atribuição de dois vocábulos perfeitamente equivalentes em todos os contextos de uso resultaria em uma redundância antieconômica para o sistema linguístico. Por essa razão, a sinonímia absoluta deve ser descartada, abrindo espaço para o conceito de quase-sinonímia. Os termos ditos sinônimos partilham um núcleo semântico (ou semas comuns), mas distanciam-se em decorrência de variações estilísticas, afetuosas, contextuais, dialetais ou sociolinguísticas.

Para teorizar sobre essas divergências sutis, Ullmann (1964) resgata os postulados de W. E. Collinson e Macaulay, os quais oferecem uma taxonomia rigorosa para classificar os matizes distintivos entre palavras de sentidos aproximados. O esquema demonstra que a intercambiabilidade perfeita raramente ocorre, sendo condicionada ao frame discursivo em que os termos se encontram inscritos.

Complementarmente, Lyons (1979) postula que as relações lexicais estruturam-se mediante hierarquias de inclusão semântica. A relação entre hiperônimos e hipônimos estabelece que o hiperônimo possui um sentido mais genérico e abrangente (uma relação

do tipo *contém*), enquanto o hipônimo apresenta traços semânticos mais específicos e restritos (relação do tipo está contido). Na dicionarização, a definição por hiperônimo acrescido de diferenças específicas constitui uma das técnicas lexicográficas mais consagradas, sendo indispensável observar como cada dicionário delimita tais fronteiras em suas abonações e exemplificações.

Para além da análise componencial de Lyons (1979) e dos critérios de Collinson (*apud* Ullmann, 1964), a compreensão da quase-sinonímia beneficia-se das contribuições da Semântica Cognitiva. Segundo Lakoff (1987) e Fillmore (1982), os conceitos organizam-se em torno de protótipos e frames (molduras de conhecimento). No caso dos verbos de transferência como dar, doar e ceder, ativa-se um frame de posse e desprendimento patrimonial. O termo dar funciona como o membro prototípico da categoria por ser cognitivamente mais acessível e neutro. Já *doar* mobiliza um frame institucional e altruísta, enquanto *ceder* exige um frame de concessão interpessoal ou formal. A escolha por um ou outro item lexical aciona redes conceituais distintas no interlocutor, o que reforça a tese de que a sinonímia perfeita é uma impossibilidade cognitiva e pragmática.

A Lexicografia Meta-analítica (Porto Dapena, 2002) e a Metalexicografia Crítica (Barbosa, 1995) afirmam que o dicionário não é um repositório neutro da língua, mas sim um produto cultural e histórico impregnado de ideologias e visões de mundo. Dicionários do século XVIII, como os de Bluteau (1712) e Moraes Silva (1789), refletem o pensamento e a estrutura social de suas épocas, o que se evidencia no tratamento dado a vocábulos impregnados de valoração moral ou racial, como *denegrir*.

A permanência de definições de cunho discriminatório ou a omissão de matizes pejorativos nas obras lexicográficas tradicionais denotam como a dicionarização, por vezes, naturaliza preconceitos e preconiza visões eurocêntricas. Assim, o estudo dicionarístico da sinonímia deve considerar a carga ideológica associada às redes de equivalência lexical propostas pelos dicionaristas ao longo do tempo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise empreendida sobre o corpus lexical apresentou a aplicabilidade consistente do esquema de Collinson e Macaulay (*apud* Ullmann, 1964) e da teoria de

inclusão lexical de Lyons (1979), evidenciando que a sinonímia se efetiva apenas sob condições contextuais estritas.

ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO DOAR, DAR E CEDER

Verificou-se que o verbo dar possui o conjunto de traços definidores mais amplo e genérico, atuando como hiperônimo em relação aos hipônimos doar e ceder. Atende-se, assim, ao primeiro critério de Collinson (um termo é mais geral que o outro).

No contexto de transferir bens sem remuneração (ex.: "Joana doou a casa do sítio para um idoso sem lar"), os três verbos intercambiam-se sem prejuízo do sentido denotativo essencial. Contudo, em colocações específicas como "doar sangue", a substituição por "dar sangue" ou "ceder sangue" gera impropriedade vocabular. Ademais, doar atende aos critérios de maior intensidade e emotividade em relação a dar. Quando associado à benemerência (ex.: "Maria doa cestas básicas"), doar projeta uma imagem de altruísmo e espontaneidade gratuita, ao passo que dar possui menor carga afetiva e pode sugerir a expectativa de uma contrapartida (ex.: "a professora deu seus livros aos alunos").

ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO FALAR, DIZER E PRONUNCIAR

O verbo falar figura como hiperônimo por apresentar o semema mais abrangente no ato de expressar-se por palavras. O critério de generalidade é cumprido no contexto genérico da articulação verbal (ex.: "Mateus não consegue falar/dizer/pronunciar a palavra").

Não obstante, no contexto institucional de autoridade (ex.: "O prefeito pronunciou-se sobre o cancelamento dos festejos"), o verbo pronunciar mobiliza o quinto critério de Collinson (um termo é mais profissional/técnico que o outro), sendo o termo preferencial no jornalismo e no meio jurídico. Paralelamente, falar atende ao critério de maior emotividade e uso literário (critérios 3 e 6 de Collinson) ao admitir empregos figurados e subjetivos (ex.: "seus olhos falavam de amor" ou "gestos que falam",

conforme registrado em Caldas Aulete, 2011), traço inaplicável aos seus quase-sinônimos.

ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO DENEGRIR, DIFAMAR E DESONRAR

Estes verbos ilustram a interconexão entre intensidade, emotividade e censura moral (critérios 2, 3 e 4 de Collinson). O verbo denegrir revelou-se o mais intenso e agressivo do grupo. Historicamente dicionarizado com o sentido figurado de manchar ou infamar a honra/reputação (Moraes Silva, 1789; Caldas Aulete, 2011), o termo traz como sinônimo dicionarizado conspurcar-se (sujar, corromper).

A análise semântico-ideológica (Assad, 2004) evidencia que denegrir, derivado da acepção literal de fazer-se negro ou escuro, veicula uma carga preconceituosa e racista, associando o elemento negro a algo negativo ou degradante, efeito oposto ao do termo embranquecer. Já difamar e desonrar mostram-se mais graduados: difamar liga-se à imputação de fatos falsos ou verdadeiros para lesar a imagem pública, enquanto desonrar refere-se ao ferimento da honra, sendo um termo mais suavizado na gradação ofensiva.

ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO ESCUTAR E OUVIR

O verbo escutar demonstrou possuir um sentido mais amplo que ouvir. Enquanto ouvir restringe-se ao processo mecânico-fisiológico da audição (captação passiva do som), escutar pressupõe a captação auditiva acrescida de atenção, intenção e processamento cognitivo (Moraes Silva, 1789; Caldas Aulete, 2011). Assim, escutar é hiperônimo funcional no âmbito da apreensão interpretativa.

No contexto de escuta musical, ambos se equivalem ("ouvir/escutar música"). No entanto, no enunciado "Maria escutou a mãe falar..., mas deu comida ao cachorro que já estava alimentado", constata-se uma impropriedade semântica, visto que Maria apenas ouviu (percebeu o som sem ater-se à mensagem). Escutar cumpre ainda o critério de maior emotividade (ex.: "Eu quero te escutar!" expressa empatia e acolhimento afetivo superior a "Eu quero te ouvir!").

ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO CIRURGIA E OPERAÇÃO

Evidenciou-se a relação de hiperonímia e hiponímia e o critério de especialização profissional (critérios 1 e 5 de Collinson). O termo operação atua como hiperônimo de amplo espectro, englobando semas em diversos domínios (cálculo matemático, ação policial, transação financeira e intervenção médica). Por sua vez, cirurgia é um hipônimo estritamente profissional/médico, definido como a ação de cortar e manipular tecidos orgânicos do corpo vivo (Moraes Silva, 1789). A sinonímia entre ambos só se sustenta no domínio da Medicina (ex.: "Neymar operou o joelho" / "Neymar passou por uma cirurgia no joelho").

IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A desconstrução do mito da sinonímia absoluta possui implicações diretas na prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa (Antunes, 2005). Abordagens tradicionais de ensino costumam apresentar listas de sinônimos de forma descontextualizada, induzindo os estudantes à falsa premissa de que qualquer vocábulo pode ser substituído por outro sem alteração de sentido ou de efeito discursivo.

A aplicação dos critérios de Collinson e Macaulay (*apud* Ullmann, 1964) e das noções de hiperonímia e hiponímia (Lyons, 1979) em sala de aula permite desenvolver nos alunos a consciência sociolinguística e estilística. Ao compreender que falar e pronunciar ou dar e doar carregam intensidades, emotividades e graus de formalidade distintos, o estudante expande sua competência escritural e leitora, tornando-se capaz de realizar escolhas lexicais intencionais e adequadas a cada situação comunicativa.

Além disso, o uso crítico do dicionário em ambiente escolar deve ser incentivado para que os alunos percebam as limitações e lacunas das obras lexicográficas, identificando quando o dicionário peca pela excessiva concisão ou pela ausência de marcações de uso e contextos de abonação atualizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu comprovar a eficácia analítica do método de W. E. Collinson e Macaulay (In: Ullmann, 1964) e das contribuições de Lyons (1979) e Assad (2004) para a desmistificação do conceito de sinonímia absoluta no léxico da

Língua Portuguesa. Constatou-se que os pares e trios analisados constituem efetivamente quase-sinônimos, cuja equivalência depende estritamente das coerções contextuais, estilísticas e ideológicas dos enunciados em que se inserem.

No tocante à reflexão sobre a prática lexicográfica, a investigação evidenciou variações significativas e lacunas no tratamento dispensado à sinonímia ao longo das edições dos três dicionários examinados:

- Vocabulario portuguez e latino (Bluteau, 1712-1728): Apresentou definições bastante restritas e arcaicas, registrando lacunas substanciais ao não contemplar ou não registrar as acepções modernas de verbetes centrais do corpus, tais como *doar*, *escutar*, *ouvir*, *denegrir*, *difamar* e *cirurgia*.
- Dicionário da língua portuguesa (Moraes Silva, 1789): Destacou-se pela síntese extrema dos verbetes, pecando frequentemente pela escassez de abonações e exemplos contextualizados que pudessem orientar o leitor quanto aos limites de aplicação das palavras sinônimas.
- Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa (Caldas Aulete, 2011 / Lexikon Digital): Mostrou-se o mais completo na delimitação dos traços semânticos e na oferta de contextos abonados, embora tenha sido observada a ausência do substantivo *operação* na versão impressa de 2011 (registrando-se apenas o verbo *operar*), o que exigiu o recurso à edição digital suplementar.

Conclui-se que os dicionários, em sua maioria, tendem a indicar sinônimos de forma genérica sem explicitar os matizes distintivos de uso, o que reforça a relevância de pesquisas semânticas continuadas para aprimorar a confecção de obras lexicográficas e estender esse conhecimento ao ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: sinonímia, semântica, quase-sinônimos, dicionários, contexto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Luta de palavras: no meio das palavras de um povo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ASSAD, Cláudia. A sinonímia no dicionário. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, Dialogarts, v. 1, n. 2, p. 14-30, jul./dez. 2004.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Linguística e Lexicografia: teoria e prática**. São Paulo: Edusp, 1995.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5439. Acesso em: 02 out. 2020.

DICIONÁRIO Caldas Aulete. Disponível em: http://www.aulete.com.br. Acesso em: 04 out. 2020.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things**: What Categories Reveal About the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LYONS, John. **Semântica**. Lisboa: Presença, 1979.

PORTO DAPENA, José Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa** - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413. Acesso em: 02 out. 2020.

TARDIOLI, Maria Angela. **Estudos do léxico e a sinonímia nos dicionários escolares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: Uma Introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.